

BREVÍSSIMA NOTA CRÍTICA PARA UNS & OUTROS

A chave para o título do livro encontra-se na epígrafe que precede a obra:

“Uns imitam por incapacidade. Outros para ensaiar asas. Estes saberão um dia voar”, trecho de carta de Mario de Andrade a Luís da Câmara Cascudo. *Uns & Outros* aceita a inabilidade como parte do processo de ensaiar asas. Note que há pares de poemas como *Um lambari* e *Outro* (p. 57) e *Epitáfio Um* e *Epitáfio Outro* (pp. 86 e 87), que reforçam a dualidade.

O poema *17 de junho de 1904. Odisseu é convocado ao Hades*, oferece uma perspectiva para a o meu processo de criação. Inspirado em *Ulisses*, de James Joyce fantasiei que o protagonista, Leopold Bloom, morre no dia seguinte em que transcorre a história. Os versos:

Depois hidromel
 vinho doce
 água e
 farinha branca

Foram retirados de poema de Ezra Pound (verificar qual) que, por sua vez, encontrou-os na *Odisseia*, de Homero.

Da mesma forma, os versos do soneto “se me atormenta a densa treva escura” (p. 73):

E sigo tropeçando como cego
O mundo todo abarco e nada aperto

São de Camões.

A idéia, como assinala Umberto Eco em *Posfácio para o Nome da Rosa*, é “revisitar os clássicos, com ironia”. Essa seria, segundo Eco, a marca do pós-modernismo. São inúmeras as referências à literatura e ao fazer literário ao longo do livro, sempre irônicas e bem-humoradas.

Outro poema que segue essa dinâmica construtiva é *Monteazul*, que utiliza as estruturas de *Anhangabaú*, de Mario de Andrade e *Tabacaria* de Fernando Pessoa.

O poema *Palavra* (que, em um primeiro nível de significado, remete o leitor ao poema *O Lutador*, de Drummond, e à poética seca de João Cabral de Melo Neto), cria uma ponte com o concretismo. Acredito que se trata de um dos poemas melhor estruturados do livro, uma vez que reúne melopéia, logopéia e fanopéia, como sugerem os concretos, *apud* Pound.

No início da década de 80, fui bastante influenciado pela poesia japonesa, em especial pelo *haiku* (que conhecia através dos haicais de Guilherme de Almeida). À época, Paulo Leminski fazia enorme sucesso. No final dos anos 80, seu *Caprichos e Relaxos*, perfumado de Zen e com diversos haicais projetou-o para público mais amplo.

Nesse período, passei a frequentar um grupo de estudo de *haiku*, no escritório do jornal *O Portal*, no bairro da Liberdade. No início, era o mais jovem da turma (cuja média beirava os sessenta e picos) e um dos únicos não descendentes. Líamos e discutíamos Basho, Issa, Ransetsu, entre outros clássicos. Participei da fundação, alguns anos mais tarde, do *Grêmio de Haicai Ipê*, que logo deixei de frequentar.

Na página 98 de *Uns & Outros*, registro o processo que percorri para traduzir, transcrever, alguns haikus: “Primeiro uma tradução em romanji, depois uma versão literal em português que serviu de base para o texto final”. O processo levava semanas, por vezes meses. Lembro que, à época, não havia internet.

Dos muitos haicais, gosto especialmente de *Basho revisitado e Sokan revisitado* (este último foi sétimo colocado em um concurso nacional de haicai). Gosto também de

primavera eu te vi
o primeiro vestido de alça
passou por aqui

Acredito que o *Kigô* (termo de referência da estação do ano) “vestido de alça” não poderia ser mais brasileiro.

Por fim, o poema *o mestre aos 60*, dedicado a Carlos Felipe Moisés, guarda, em sua essência, forte vínculo com a filosofia Zen. Zen das Gerais, do Sertão, Sertões. Em *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo Tatarana nota que “mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”. Aí fica fácil:

celebre amigo a sua sina
você é da grei dos que aprendem
enquanto o resto ensina .